

## JUDEUS NA FICÇÃO DE MOACYR SCLiar: UM EXEMPLO DE HIBRIDISMO

Bárbara HELLER<sup>1</sup>

■ **RESUMO:** Com base nas idéias desenvolvidas por Edward Said (em *Reflexões sobre o exílio*) e Tzvetan Todorov (em *O homem desenraizado*), o artigo analisa três personagens de Moacyr Scliar: Mayer Guinzburg (ou Capitão Birobidjan), em *O exército de um homem só* (1973), e Benjamin e Jayme Kantarovich, em *Os leopardos de Kafka* (2000). Os dois primeiros personagens perdem suas identidades de origem e, ao se estabelecerem no Brasil, comportam-se como exilados e pouco adaptados ao novo meio. Jayme Kantarovich, embora brasileiro, não parece pertencer a nenhum grupo social e, assim como os outros personagens, tem sua identidade multifacetada. O artigo conclui, portanto, que o conceito de hibridismo, proposto por Todorov, é o que melhor explica o comportamento das personagens analisadas.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Hibridismo. Exílio. Brasil. Moacyr Scliar.

### Introdução

*Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar.*

*Edward Said (2003, p.54).*

Nada mais apropriado que a citação de Edward Said na epígrafe acima para iniciar este texto e refletir sobre os exílios (assim mesmo, no plural) por que passam Mayer Guinzburg (ou Capitão Birobidjan), personagem de Moacyr Scliar, em *O Exército de um homem só*, publicado em 1973, e Benjamin e Jayme Kantarovich, de *Os leopardos de Kafka*, publicado em 2000.

Edward Said, Manuel Castells, Anthony Giddens e Tzvetan Todorov, em cujas obras sobre identidade me apoiei para dar sustentação à minha interpretação, sugerem vários termos para se referir aos sujeitos que passam por experiências como a dos personagens que serão analisados – exilados, refugiados, expatriados, emigrados, aculturados, transculturados, híbridos. Não pretendo discutir o grau de

---

<sup>1</sup> UNIP – Universidade Paulista. Programa de Mestrado em Comunicação. São Paulo – SP – Brasil 04026-002 – b.heller@terra.com.br

adequação de cada um destes termos, mas, isto sim, sugerir que esta variedade de palavras reflete a variedade de “exílios” (no plural, para ser genérico), que são subjetivos e que se modificam até mesmo ao longo da vida dos personagens (em alguns casos há primeiro um exílio “institucional”, depois um “exílio dentro do exílio”, que pode ser consciente e decorrente de uma decisão, ou pode ser inconsciente e decorrente da incapacidade de adaptação ao novo ambiente cultural, geográfico, social, político etc.).

Mayer Guinzburg e Benjamin Kantarovich são, inicialmente, exilados institucionais, isto é, foram obrigados a deixar seus países de origem. Mas Mayer termina o romance como um exilado de outra natureza, já que é afastado do convívio social (que ele mesmo rejeita de diversas maneiras e em circunstâncias diferentes) quando é internado em um hospital. Benjamin inicia sua trajetória de exilado quando sai da Bessarábia e vai para Praga, onde sente pela primeira vez seu não-pertencimento, e se sente impedido de voltar para casa sem cumprir uma missão que ele nem sabe direito qual é. Mais tarde, quando vem ao Brasil com seus pais, também se torna um exilado institucional e se mantém nesta condição até o final do romance, pois se recusa a conviver com qualquer familiar (exceto seu sobrinho Jayme) e, com o único brasileiro com quem trava amizade, o relacionamento era temperado por discussões e sucessivos afastamentos. Seu sobrinho Jayme decide exilar-se, pois é forçado a sair de sua cidade natal Porto Alegre, para São Paulo. Mas este é um exílio diferente dos demais, pois é para escapar de polícia política e não dos *pogroms*, como seus avós e pais. Isto é: Jayme se envolveu na política estudantil porque quis, mas ser judeu e estar sujeito a perseguições anti-semitas não é decorrência de decisões individuais.

Em comum entre os três personagens é a escolha do Brasil como o novo lugar de suas existências, embora uns sejam mais bem-sucedidos que outros nesta tarefa.

O texto que segue analisa os caminhos percorridos pelos três personagens em busca de suas novas identidades, cruzando trechos significativos das narrativas e os pensamentos dos teóricos voltados aos estudos da identidade, do exílio e da obra literária de Moacyr Scliar.

### O exército de um homem só

O Brasil estava em plena ditadura militar quando a obra foi publicada e não parece ser mero acaso que, abrindo e fechando a narrativa, o leitor encontre a referência ao ano de 1970, destacado do resto da mancha da primeira página, na margem superior esquerda, e da última página, na margem inferior esquerda. Um leitor relativamente atento percebe, com esse simples recurso gráfico e textual, que a narrativa é circular, isto é, que o final do romance remete ao seu início e vice-versa.

Já um leitor mais malicioso pode acrescentar novos elementos a este grafismo (que também é narrativo), e supor que, dadas as condições sociopolíticas do período a que o texto remete, a mera repetição de “1970” como primeira e última informação do romance indica que os Mayers Guinzburgs (assim mesmo, também no plural) que por acaso sonhassem com uma sociedade diferente em nosso solo tão gentil teriam como única saída mergulhar no “mar escuro”, como descreve o narrador no parágrafo que encerra a obra: “Vacila, apóia-se no sofá. As luzes se acendem. É para frente que o capitão cai. Mergulha no mar escuro. 1970.” (SCLIAR, 1983, p.180). Pode-se até sair do “mar escuro”, mas não por muito tempo, como sugere o excerto abaixo, que inicia o romance:

1970.

Neste mar o Capitão Birobidjan flutua imóvel, meio afogado. Do cais homenzinhos contemplam-no em silêncio. [...] Não há ninguém. O Capitão prepara-se para partir. [...] É preciso voltar. Mayer Guinzburg, Capitão Birobidjan, iça sua bandeira no mastro e prepara-se para navegar.

Colocaram Mayer Guinzburg na maca de rodas. A enfermeira o levou ao Setor de Atendimentos externos [...] (SCLIAR, 1983, p.10).

Estes dois parágrafos tratam de um único personagem, mas com dupla identidade: Mayer Guinzburg – nome e sobrenome marcadamente de origem judaica – e Capitão Birobidjan – patente militar no lugar do primeiro nome e sobrenome também marcadamente estrangeiro<sup>2</sup>. Temos, então, um personagem que, segundo o narrador, parece condenado a mergulhos no “mar escuro” e, ao mesmo tempo, que se comporta ora como militar, ora como civil.

Tal construção ambígua no que se refere à construção da identidade do protagonista não parece acidental. Como já foi mencionado anteriormente, o romance foi escrito e publicado na década de 70 – auge da ditadura militar no Brasil – e Mayer Guinzburg era não só um imigrante russo, como também um comunista convicto, que tinha em Rosa de Luxemburgo e em Lênin os ideais de seus sonhos. Um sujeito, portanto, que reunia duas características que o tornariam imediatamente suspeito de subversão, caso caísse nas mãos da polícia política da época.

Seu exílio começa em 1916, quando parte da Rússia aos 9 anos, na companhia de seus pais e irmão. Instalado em Porto Alegre, mais especificamente no Bairro Bom Fim, habitado em sua grande maioria por judeus provenientes da Europa Central, nas primeiras décadas do século XX, o protagonista integra-se facilmente ao meio social desta pequena comunidade.

<sup>2</sup> “Birobidjan” é o nome de uma região localizada na Sibéria Oriental que, em 1928, foi destinada pelo governo soviético aos judeus para que ali estabelecessem uma região judaica autônoma e assim barrassem a expansão japonesa.

O Bom Fim não é um lugar ficcional: é um bairro porto-alegrense, “uma improvável aldeia russa no meio de Porto Alegre; um anacronismo” (SCLIAR, 2007, p.32); o bairro “um pouco como um pesadelo que se transforma num sonho bom” (SCLIAR apud SZKLO, 1990, p.31), para onde se dirigiram e se instalaram numerosas famílias judias, vítimas da perseguição na Europa Central<sup>3</sup>.

Inicialmente seduzidas pelas facilidades que acreditavam poder encontrar no Brasil, estas famílias se instalaram nas fazendas agrícolas do sul, mas, desprovidas de experiência de trabalhos no campo, logo a ilusão do paraíso tropical se desfez. A perspectiva da fome e da pobreza empurrou grande número de exilados para as cidades próximas, entre elas Porto Alegre, onde passaram a exercer os ofícios que já conheciam: alfaiataria, artesanato, carpintaria, comércio etc.

No Bom Fim, portanto, os exilados reproduziram costumes das típicas cidadezinhas da Europa Central do século XIX. Mayer Guinzburg, talvez por se sentir familiarizado no novo ambiente do Bom Fim, mas um *outsider* quando estava fora de seus limites, protagoniza a sensação do exilado, tão bem descrita por Edward Said (2005, p.55):

[...] nos tempos pré-modernos<sup>4</sup>, a deportação era um castigo particularmente terrível, uma vez que significava não apenas anos de vida errante e desnordeada longe da família e dos lugares conhecidos, como também ser uma espécie de pária permanente, alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro.

Por ter sido exilado ainda criança, Mayer Guinzburg não era “inconsolável” com as lembranças do passado, que eram poucas, mas nunca deixou de ter consciência de que sua primeira nacionalidade (e identidade) era a russa e que, fora do Bom Fim, era uma espécie de “pária permanente”.

É possível que tenha mantido este forte vínculo com o país em que nasceu porque, nos nove anos em que lá viveu, conectava tempo (*quando*) com o espaço (*lugar*), condição que, segundo Giddens, caracteriza a formação da identidade de um sujeito na era pré-moderna<sup>5</sup>. Em outras palavras: enquanto morava na Rússia,

<sup>3</sup> Assim o próprio Moacyr Scliar (2007, p.31) continua a descrição do Bairro Bom Fim: “[o Bom Fim] limitava-se, a leste, com humildes habitações da Colônia Africana, um bairro de população predominantemente negra; ao norte, com mansões da avenida Independência e do Moinhos do Vento, reduto da aristocracia rural, a cavaleiro da cidade, a oeste, com o Centro, seus bancos, suas casa de comércio; e, ao sul, com o Parque Farroupilha.”

<sup>4</sup> Baseada em Giddens (2002), entendo por tempos pré-modernos a fase de desenvolvimento anterior à radicalização da globalização, característica da presente fase de desenvolvimento em que nos encontramos.

<sup>5</sup> Para Giddens (2002, p.22-23), o que diferencia a época pré-moderna da pós-moderna é que, na pré-moderna, a mediação do lugar coordenava as ações dos seres humanos na sua relação com o tempo; já

como estava geográfica e temporalmente próximo dos fatos que ali ocorriam, seu comportamento era moldado pela conexão tempo-espaço. Uma vez instalado no Brasil, seu primeiro ambiente – o bairro do Bom Fim – era mais um pedaço da sua terra natal, com seus tipos tradicionais, do que um bairro brasileiro. Conseqüentemente, a separação geográfica (*lugar*) diluía-se pela sensação de familiaridade com o Bom Fim e pela leitura dos jornais, que o informavam, em curto intervalo de tempo (*quando*), as mudanças políticas por que passava a Rússia.

Assim influenciado pelas notícias, quando Mayer completa 21 anos, sonha instalar no Brasil, que ainda lhe era estranho, uma sociedade igual à de seu país de origem. Ao reproduzir o modelo político da sua terra natal, continuaria se sentindo “em casa”, mesmo se saísse dos limites do Bom Fim.

Neste momento do romance, Mayer assume o que Said denomina “dupla identidade”: “[o exilado que] vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora; [que] nunca vê as coisas de maneira separada ou isolada.” (SAID, 2005, p.67).

Se, por um lado, Mayer lamenta o que deixou na Rússia e quer aplicar aqui o que aprende de lá, por outro, deixa de cumprir o que também é descrito por Said (2005, p.67, grifo nosso): “Cada cena ou situação no *novo país* aproxima-se necessariamente de sua contrapartida no *país de origem*.” Mayer faz exatamente o contrário: cada cena ou situação no país de origem é que se aproxima necessariamente de seu novo país. Talvez esta inversão, que podemos chamar de *resistência* aos novos costumes, ajude a explicar a grave fragmentação identitária por que passa a personagem, da qual ainda iremos tratar<sup>6</sup>.

Assim, inspirado na Revolução Russa, que acontece um ano após sua partida da Rússia, Mayer projeta, lentamente, à medida que amadurece, inaugurar esta sociedade, a “Nova Birobidjan”, onde todos seriam tratados por companheiros e onde a propriedade privada deixaria de existir. Na sua comunidade imaginada, todos seriam tratados como “companheiros”, dividindo tarefas e responsabilidades, sob sua liderança inquestionável.

Para executar essa empreitada, decide que ser apenas Mayer Guinzburg não basta. É necessário agregar à sua pessoa um nome que lhe conferisse respeito e autoridade e, ao mesmo tempo, que intimidasse possíveis inimigos – reais ou

na pós-moderna, os seres humanos podem estar fisicamente distantes e ainda assim associar “quando” a “aonde”.

<sup>6</sup> O termo “resistência”, neste caso, equivale ao conceito *identidade de resistência*, desenvolvido por Manuel Castells. Para este autor, a identidade de resistência é “[a] criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes.” (CASTELLS, 1999, p.24).

fictícios. “Capitão Birobidjan” encaixa-se perfeitamente a tais exigências, uma vez que reúne simultaneamente uma alusão a uma patente militar (o que, por si só, numa sociedade civil, o distingue hierarquicamente dos demais) e homenageia o local previsto em seu país natal para os judeus viverem em segurança.

Assim, torna-se possível ao personagem manter tanto suas convicções políticas, quando responde por Capitão Birobidjan, quanto ser visto como parte integrante dos exilados judeus, quando responde por Mayer Guinzburg. Aparentemente, o personagem, conforme sua conveniência, ora assume o nome Mayer, ora Capitão Birobidjan. Tal estratégia pode ser tanto um dos indícios da desagregação gradual de sua vida mental (confirmada por sua internação num hospital ao final da narrativa), quanto a explicação para nunca ter sido importunado pela repressão nos difíceis anos 70 no Brasil.

Quando Mayer, travestido de Capitão Birobidjan, dá início, pela primeira vez, à instalação desta nova sociedade em 1929, com seus amigos da comunidade judaica, a Revolução Russa já tinha acontecido 12 anos antes. Reproduzir o mesmo modelo de sistema sociopolítico, sem levar em conta a passagem do tempo desde o evento original, o momento atual e o local em que se encontra, pode ser entendido como mais um sintoma da fragmentação identitária de Mayer.

Na segunda tentativa, em 1942, o insucesso se repete, mas Mayer nem cogita desistir, mesmo quando passa a sofrer sucessivos ataques de um bando de desocupados.

A passagem dos anos não confere a Mayer maior equilíbrio emocional para conciliar as heranças de seu país de origem e as novidades da vivência no Brasil, ainda que no bairro Bom Fim e seus arredores. Ao contrário: parece cristalizar nele a já referida **identidade de resistência** (CASTELLS, 1999), isto é, no lugar de construir um modelo de uma comunidade igualitária, ele simplesmente rejeita os que o rejeitaram, vivendo no mais completo isolamento e passando por toda a sorte de privações.

Vale lembrar que, a esta altura do romance, o protagonista já tem 35 anos e é pai de dois filhos, mas, obcecado pela idéia de uma comunidade nos moldes do comunismo russo, abandona família, casa e emprego e o resultado de suas iniciativas aproxima-se do trágico. Como Mayer impede a reciprocidade entre as identidades excluídas e a dos excludentes, a consequência, como lembra Castells (1999, p.26), é “fragmentar a sociedade em uma constelação de tribos, por vezes renomeadas eufemisticamente de comunidades”, como a de Nova Birobidjan.

Gilda Salem Szklo (1990, p.35) ao analisar as personagens de Scliar, afirma o mesmo que Castells, embora com outras palavras: “[...] são todas figuras otimistas, desconfiadas, pairando nos píncaros de seus ideais e de suas visões imaginárias, continuamente empreendendo a fuga da realidade.”

“Reforçar os limites da resistência” ou “empreender a fuga da realidade” são duas definições bem apropriadas ao comportamento de Mayer para todas as investidas que ele faz. Na segunda tentativa de implantar a nova comunidade, Mayer conhece Santinha, a quem oferece abrigo. Sua primeira atitude relativa a ela é mudar seu nome, considerado reacionário por Mayer, para Rosa de Luxemburgo. Embora não entendesse muito bem os motivos alegados pelo protagonista, a carência material de Santinha é tão intensa, que ela rapidamente aceita sua nova identidade.

Nesta sociedade que então começa a se formar, além dos “companheiros bichos” – uma cabra, um porco e uma galinha –, habitam dois indivíduos que, por motivos diversos, também substituem seus nomes de origem. Se para Santinha ser chamada de nome diferente é mero detalhe, para o protagonista renomear a si mesmo e aos outros estava carregado de conteúdo simbólico, pois ele entendia que, agindo assim, as pessoas adquiriam nova identidade, rompendo com a anterior.

Ao transformar Santinha em Rosa de Luxemburgo, Mayer é ambíguo: se, por um lado, retira do nome dela a marca religiosa, por outro, por praticamente venerar a verdadeira Rosa de Luxemburgo, aproxima-a da idéia de uma entidade santificada e inalcançável. Quando, finalmente, começa a se relacionar com ela como homem e mulher, faz dela praticamente uma escrava, reproduzindo a opressão da qual ele mesmo era vítima.

Apesar de todos os esforços e estratégias, Mayer perde, ao final da narrativa, a convivência com Santinha/Rosa de Luxemburgo, sua integridade psicológica, seus sonhos, sua propriedade e seus laços familiares.

Seus últimos dias são melancolicamente vividos na pensão “que recebe pessoas sós”, onde vivencia conflitos que revelam a potencialização de sua fragmentação identitária. É neste novo ambiente que disputa com o único outro judeu da casa, um egípcio de 81 anos, David Benveniste, o único banheiro da pensão. O trecho a seguir é significativo do que estou pretendendo mostrar:

É 7 de junho [de 1967], o terceiro dia da Guerra dos Seis Dias. [...] Mayer Guinzburg e Benveniste ouvem com atenção. Terminado o informativo, Benveniste apaga o rádio.

\_\_É\_\_ murmura – parece que a coisa está decidida.

\_\_ Parece \_\_ diz Mayer, cautelosamente. Sente que vai começar uma discussão.

\_\_ Bem feito para o Nasser \_\_ Benveniste está irritado. \_\_ É por causa dele que estou aqui nesta pensão. Podia estar no meu escritório, no Cairo... [...]

\_\_ No entanto \_\_ pondera Mayer \_\_ é um homem de grande personalidade. Um verdadeiro líder; Ben Gurion mesmo admite isso. Tentou tirar o seu país do subdesenvolvimento...

\_\_ Isto é verdade \_\_ reconhece David. \_\_ Um grande homem. Podíamos estar bem com ele. (SCLIAR, 1983, p.145-146).

Neste trecho pode-se identificar não só uma tensão crescente no ar entre Mayer e David, “[Mayer] sente que vai começar uma discussão”, como a explicação de um outro exilado, proveniente de outro país, dos motivos que o trouxeram ao Brasil: a demagogia de Nasser, então presidente do Egito.

Embora fosse esperado de Mayer que desse apoio ao seu colega pensionista na crítica a Nasser, uma vez que políticos árabes costumam representar ameaça à sobrevivência física dos judeus e à permanência do Estado de Israel, Mayer faz o contrário e, citando Ben Gurion, um dos líderes da Independência de Israel, enaltece o lado empreendedor de Nasser.

Mayer, embora tivesse em comum com David a exigência do exílio e a religião, faz questão de marcar sua diferença com seu interlocutor. Como ambos têm origem nacional diversa – a Rússia para Mayer e o Egito para David – em nenhum momento o protagonista percebe em David um aliado, mas sempre um oponente, a quem valia a pena provocar, toda vez que pudesse, como sugere a continuação do diálogo anterior entre os dois personagens:

\_\_ Mais cedo ou mais tarde – interrompe Mayer – vocês teriam de enfrentá-lo [a Nasser]. Afinal de contas era um ditador. [...]

\_\_ Pode ser – diz David Benveniste. – Mas o certo é que nós vivemos bem no Egito [...]. Mas vocês, judeus russos, tinham de inventar o sionismo e Israel. Porque estavam incomodando vocês com anti-semitismo e *pogroms*, acharam que deviam nos comprometer. Nós não tínhamos nada a ver com a situação de vocês. Estávamos prosperando...

\_\_ Claro – exclama Mayer, irritado. – Enquanto o povo egípcio vivia na maior miséria vocês nadavam em dinheiro!

\_\_ É verdade – reconhece Benveniste. – No fundo, éramos estrangeiros. E suportar a inveja daquela gente não era fácil. Mais cedo ou mais tarde teríamos de sair de lá e ir para outro país, para Israel, quem sabe... (SCLIAR, 1983, p.146).

A transcrição acima é bastante sugestiva, pois não só modula o humor de Mayer entre a provocação e a conciliação, como faz com que David expresse com muita clareza sentimentos possivelmente vividos também por Mayer: sentir-se sempre estrangeiro, seja no país de origem, seja no país onde vive o exílio. Referir-se aos outros compatriotas egípcios como “aquela gente”, como faz David, mostra que, apesar da nacionalidade comum, é a religião judaica que o faz sentir-se diferente dos demais. Pode-se afirmar o mesmo em relação a Mayer que, como bem lembra David, apenas por ser judeu, é vítima dos *pogroms* na Rússia.

Ou, em outras palavras: tanto David, como Mayer, vivem o exílio nos países em que nasceram. No Brasil, portanto, vivem o exílio dentro do exílio. Nem mesmo a religião e o desolamento em comum são capazes de torná-los aliados.

O isolamento de Mayer pode ter aguçado ainda mais seu sentimento de exilado e sua fragmentação identitária. Na verdade, todos os moradores da pensão são, em alguma medida, sujeitos excluídos e exilados. Não parece acaso que é neste ambiente que Mayer encontra terreno fértil para tentar instalar, pela terceira vez, o projeto da Nova Birobidjan. Rebelando-se contra a proprietária e submetendo os outros pensionistas à força e reconhecendo em qualquer um a figura de um aliado e ao mesmo tempo a de um inimigo, mal o Capitão Birobidjan convoca a todos para a construção da comunidade, é encaminhado ao hospital psiquiátrico, onde sofre uma parada cardíaca.

A ambigüidade identitária por que passa o protagonista desde o início da narrativa não se resolve em nenhum momento. Ao final da vida, no lugar de um líder revolucionário e comunista, espelhado em Rosa de Luxemburgo e em Lênin, surge um lunático, que chama a todos de “companheiros”, fossem animais, fossem seres humanos. Torna-se, assim, não só um exilado, mas um excluído: não convive mais com ninguém da família de origem, muito menos com alguém da família que constituiu, tampouco com seus primeiros amigos de juventude, também exilados judeus.

Deslocado de seu país de origem, a Rússia, o protagonista poderia ter superado a perda de sua primeira identidade – a da nacionalidade – no interior da sua família de origem. No entanto, não é isso o que acontece: desde a infância, Mayer recusa-se a comer sem ser forçado pela sua mãe, o que a leva, desesperada e exausta depois de anos e anos nesta rotina, a contrariar os costumes alimentares e religiosos da família, oferecendo-lhe carne de porco, prato que lhe cai muito bem no paladar. A partir deste momento, a paciência da mãe esgota-se por completo e, sem nenhum afeto, simplesmente começa a obrigar o filho a comer qualquer tipo de comida que prepara, mesmo as banidas pela religião, piorando sua qualidade gradativamente.

Embora essa passagem pareça irrelevante no desenrolar do romance, uma análise mais acurada permite dizer que ela está carregada de sentido simbólico. Explico: segundo os costumes judaicos, basta a mãe ser judia, para que os filhos também o sejam. Se a mãe de Mayer quebra o estereótipo da mãe judia, deixando de superalimentá-lo e de superprotegê-lo, não parece equivocado começar a pensar que, a partir deste momento, Mayer, que era ateu, rompe com a outra possível identidade – a cultura judaica. Em outras palavras: a mãe, “deixando” de ser tão tipicamente judia pela mudança de seu comportamento, parece liberar Mayer de sua herança cultural e também religiosa.

Nem com o pai, que ansiava a carreira de rabinato ao filho, Mayer consegue manter sua identidade religiosa. O protagonista recusa sistematicamente a leitura dos livros sagrados que ele lhe sugere e propõe, no seu lugar, os textos de Marx.

Desprovido, portanto, de três tipos de identidades – a do nome próprio, a nacional e a religiosa –, e excluído da convivência familiar, a fragmentação e o

percurso de Mayer Guinzburg ao longo da narrativa são bastante coerentes. Na sua primeira tentativa de estabelecer a primeira colônia independente, ainda no auge da juventude, faz a experiência com amigos da comunidade judaica. Na segunda tentativa, embora ainda casado e com filhos, tenta instalar a Nova Birobidjan sozinho. É quando conhece Santinha, que também experimenta o exílio dentro do exílio, uma vez que é violentamente excluída de um grupo que também é marginal à sociedade. Finalmente, na terceira tentativa, Mayer, reconhecendo em todos os pensionistas a mesma condição de exilados dentro do exílio, reúne seus últimos esforços e parece perder definitivamente a saúde mental.

Mayer, portanto, não tem nenhum lastro: confuso quanto ao próprio nome, não tem pátria, família, religião.

Como explica Gilda Salem Skzlo (1990, p. 36): “Importante é a luta desses indivíduos para encontrarem o sentido de suas vidas em uma realidade na qual eles já não se integram. Heróis sem glórias, indecisos e perplexos [...] permanecem o tempo todo no crepúsculo.”

Em 1970 Mayer Guinzburg não é mais Mayer Guinzburg. Nem capitão Birobidjan. Nem brasileiro. Talvez, levemente judeu, uma vez que, pouco antes do levante final na pensão, põe o *talit*<sup>7</sup> sobre os ombros e reza. No “mar escuro”.

Mayer Guinzburg, portanto, protagonizou diversos tipos de exílio: o “institucional”, que o obrigou a fugir da Rússia com sua família de origem; o “exílio dentro do exílio”, quando tenta instalar, perto de Porto Alegre, uma comunidade isolada de todos os amigos e familiares e, finalmente, o “exílio mental”, quando perde a sanidade e é internado à força em um hospital.

### Os leopardos de Kafka

Neste romance de Scliar, publicado em 2000, é Benjamin Kantarovich quem vem ao Brasil em 1917, também com seus pais e irmão, exilado da Bessarábia.

Assim como Mayer, é comunista e sua vida familiar e política é igualmente desastrosa. Ainda no seu país de origem, Benjamin, que ganhara de seu primo Iossi, ao completar 19 anos, um exemplar em iídiche do *Manifesto Comunista*, compartilha com ele o mesmo sonho:

[a existência] de um mundo em que não existiriam pobres nem ricos, opressores nem oprimidos. Um mundo de justiça e paz. Um mundo em que ninguém seria perseguido, em que os judeus seriam iguais a todas as pessoas. (SCLIAR, 2000, p.15).

<sup>7</sup> Acessório religioso judaico, em forma de um xale, usado pelos homens como uma cobertura na hora das preces judaicas, no momento da oração.

Tanto em *Um exército de um homem só*, como na obra em análise, profetizam-se sociedades que, se adotassem o comunismo como sistema político e econômico, não haveria mais excluídos. Ou, em outras palavras, exilados, mais especificamente os judeus – “os judeus seriam iguais a todas as pessoas”.

A morte repentina e precoce de Iossi é a deflagradora da mudança de vida de Benjamin. Pouco antes de aquele falecer, em 1916, delega ao primo a missão secreta que havia recebido pessoalmente de Trotsky: sair da aldeia, ir de trem a Praga, hospedar-se num determinado hotel e procurar um homem de quem nunca ouvira falar (mas sabia ser escritor e judeu) e receber dele um texto.

Para quem nunca saiu da aldeia, só a viagem a Praga já é uma aventura e tanto... Pode-se dizer que nesta ocasião Benjamin experimentará, pela primeira vez, mas não a única em sua vida, a sensação de um exilado: estranhamento do local, falta de domínio da língua local, ausência de referências familiares.

Embora Benjamin estivesse a curta distância de seu local de origem, Praga não lhe será mais familiar que Porto Alegre, cidade que o receberá aproximadamente um ano mais tarde, como veremos mais adiante no texto.

No dia previsto, sem avisar e sem se despedir da família, Benjamin parte da Bessarábia e, como planejado, desembarca em Praga. Deslumbrado com a imagem que a cidade lhe revela, desce rapidamente do trem e logo enxerga o hotel onde deve se instalar. Bem mais tarde é que percebe ter esquecido no vagão tudo de que precisava para efetivar sua missão.

Nos dias subseqüentes, tenta descobrir quem seria o tal homem com quem deveria fazer contato. Sentindo-se hostilizado pelas poucas pessoas com quem conversa, decide caminhar a esmo pela cidade e, embora o narrador sugira ser mero acaso,

[Benjamin] “quando deu por si” estava num lugar que lhe pareceu familiar: em alguns lugares havia até letreiros em hebraico. Era a rua Maisel, no antigo gueto de Praga. Diante dele, a lendária *Alteneuschule*, a velha sinagoga, maciça e sombria. (SCLIAR, 2000, p.36).

Antes de prosseguir na história, considero importante destacar nesta passagem que a busca por referenciais familiares por um exilado, mais do que um acaso, é uma estratégia de sobrevivência. Um exilado é um ser deslocado; “são os outros que pertencem àquele meio e não ele” (SAID, 2003, p.54). Benjamin não foge à regra. Como resiste voltar ao vilarejo sem cumprir a missão, ele experimenta a sensação do exílio, daquele que é impedido de voltar para casa.

Como sua mente e coração ainda estão voltados para a aldeia natal da Bessarábia, estar em Praga significava, como explica Giddens (2002), romper a conexão tempo-espaco. Embora sua permanência nesta cidade fosse voluntária, Benjamin está neste

lugar apenas para realizar o que seria um ritual de passagem: cumprir uma tarefa política e, ao mesmo tempo, libertar-se da vigilância dos pais. Estar em Praga é apenas um acaso. O que importa, para ele, é **não** estar no lugar de origem.

Não parece ser mera coincidência que as soluções de seu problema comecem a surgir justamente no bairro judeu, isto é, no único local da cidade estranha que lhe é menos estranho. Por intermédio do zelador da velha sinagoga, Benjamin fica sabendo que não muito longe dali morava um escritor judeu, Franz Kafka. Convicto de que era o homem certo, faz seu primeiro contato com ele.

A missão de Benjamin, no entanto, fracassa. Tudo que ele obtém é um manuscrito de 04 linhas, ininteligível, assinado por Kafka. Vencido pelo cansaço, pela falta de agasalhos adequados ao frio que fazia em Praga e pelo dinheiro que ameaçava acabar, Benjamin decide pelo fim de seu primeiro exílio e volta à sua aldeia, para alívio de seus pais.

Logo que retorna, sente-se completamente adaptado ao meio, e aprende com seu pai, sem dificuldades, o ofício de alfaiate. Apesar de usufruir por pouco tempo esta nova competência, pois logo fugirá para o Brasil com sua família, Benjamin tem a oportunidade de, neste momento, realizar o que Castells (1999, p.24) denomina por **identidade legitimadora**, isto é, “[...] um conjunto de organizações e instituições bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural.” Pode-se dizer que os familiares de Benjamin funcionam, até se exilarem, como “atores sociais organizados em torno de uma identidade semelhante” (CASTELLS, 1999, p. 25): nascidos na mesma aldeia, falam a mesma língua, desempenham funções sociais aprendidas com os mais velhos e são cumpridores de todos os deveres. Além disso, vivenciam os mesmos fatos em um tempo comum e, assim, como “racionalizam as fontes de dominação estrutural” (CASTELLS, 1999, p.24), isto é, aceitam a expulsão pelos seus governantes locais, decidem-se pelo exílio.

Em 1917, com a queda do czar – um inimigo do povo judeu, mas ao menos conhecido – e a tomada do poder pelos bolcheviques – um desconhecido dos judeus e, portanto, mais ameaçador que o czar –, Benjamin se vê embarcando para o Brasil com sua família.

Em nenhum momento desta narrativa, os familiares de Benjamin cogitam formar o que Castells (1999, p.24) entende por **identidade de projeto**: “[...] quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.”

A família Kantarovich, assim como a de Mayer Guinzburg, parte resignada de seus países de origem e instala-se no Bairro Bom Fim, em Porto Alegre,

reproduzindo, sem questionamento algum, a cultura aprendida anteriormente. Mesmo trabalhando como alfaiate, Benjamin não consegue se socializar no novo local, nem mesmo com seus clientes. Afasta-se emocionalmente da família, e assim como Mayer Guinzburg, e pelos mesmos motivos – a adesão ao pensamento comunista – é considerado pelos parentes mais próximos um “esquisitão”.

Enquanto isso, o irmão de Benjamin casa-se, separa-se, mas antes tem um filho – Jayme – o único parente por quem Benjamin sente enorme afeto. Portador de seqüelas de paralisia infantil, Jayme, ao saber que seu tio, apesar de morar modestamente, era proprietário de uma selecionada biblioteca particular, passa a frequentar sua casa.

Militante do movimento estudantil desde a adolescência, Jayme, que se tornara stalinista, tem discussões acaloradas com seu tio trotskista, mas nem essa diferença de opiniões diminui o afeto que sentem um pelo outro.

Repetindo o comportamento de Mayer e do próprio Benjamin, Jayme não convive com sua família; seu tio é o único parente que frequenta regularmente. O jovem Jayme é um leitor de fôlego, aprecia os textos de Kafka (que aprende a ler no original), ingressa na universidade pública e faz política estudantil. Tais qualidades fazem dele um sujeito tão diferente de seus pais e parentes, que ele também se torna um exilado no âmbito familiar.

Para ele, este exílio é uma sensação mais ambígua do que para seu tio e do que para Mayer Guinzburg, uma vez que ele não é expulso de seu país natal, domina a língua nacional, torna-se militante de um partido político e namora uma brasileira. Mas, certamente, ele é um “outro”, uma vez que, exceto pelo seu tio, deixa de conviver com sua família de origem, é portador de deficiência física e apreciador de livros. Jayme é um intelectual em formação e, por isso mesmo, não é compreendido por sua família.

Retomo, aqui, um dos pensamentos de Said, sobre o papel dos intelectuais no exílio. Segundo este pensador, mesmo entre os intelectuais há os “conformados” e os “inconformados”. Jayme encaixa-se na segunda categoria, isto é:

[...] nunca encontrar-se plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos, por assim dizer, predisposto a evitar e até mesmo a ver com maus olhos as armadilhas da acomodação e do bem-estar social. Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. (SAID, 2005, p.60).

Em 1964, quando estoura o golpe militar, Jayme está cursando o primeiro ano de faculdade de letras da Universidade do Rio Grande do Sul e protesta publicamente contra o governo – comprovando sua “inquietação contra as armadilhas do bem-estar”, “causando inquietação”, nas palavras de Said. Perseguido pela repressão, é

aconselhado pelos partidários a mudar-se para São Paulo. A falta de dinheiro para a nova vida é resolvida por seu tio Benjamin, que não só lhe conta pela primeira vez sua aventura em Praga, como lhe oferece o papel com o texto e assinatura de Kafka que, segundo avaliadores, deveria valer pelo menos oito mil dólares.

Jayme, no entanto, acaba preso por agentes do Deops ainda em Porto Alegre. Mais uma vez, é o tio quem o socorre, subornando o delegado, que liberta o sobrinho.

Jayme, imediatamente, embarca para São Paulo. Anos mais tarde, em 1980, seu tio falece, mas não está sozinho: Jayme o assiste até o final.

Embora a narrativa não conte mais o destino de Jayme, parece muito provável que tanto ele, como seu tio, viveram e morreram de maneira semelhante: isolados da família e considerados excêntricos. Talvez nem tenham produzido um “efeito desestabilizador”, mas certamente também não foram sujeitos que simplesmente acataram uma forma de (sobre)viver, sem nada questionar.

### Considerações finais

Apresentei até agora não só a trama dos dois romances selecionados, mas o percurso de três personagens scliarianos que sofrem o exílio no Brasil: Mayer Guinzburg, Benjamin e Jayme Kantarovich.

Como já foi mencionado anteriormente, os teóricos que serviram até agora de apoio na análise sobre o exílio, Edward Said, Manuel Castells e Anthony Giddens utilizam vários termos para se referir aos sujeitos que passam por esta experiência: exilados, refugiados, expatriados, emigrados, aculturados, transculturados, assimilados etc.

Não é minha intenção neste momento entrar na discussão da adequação de tais termos, mas, isto sim, de evidenciar que a experiência do exílio é tão sensível e pessoal quanto o variado léxico que tenta explicá-la.

No entanto, o que os teóricos que serviram de suporte para a análise têm em comum é a visão de que o exílio está sempre associado a algum tipo de sofrimento e de dor, porque sempre há a sensação de perda. Independentemente dos motivos que geram o exílio, ele nunca é experimentado unicamente como a possibilidade de um porvir, de um futuro promissor. Aquilo que ficou para trás, seja o lugar, a família, a casa, os costumes, a língua, a religião é tão ou mais intenso do que o possível deslumbramento com o novo. Mayer Guinzburg sofre por não ter tido a chance de conhecer a Revolução Russa em seu país de origem; Benjamin Kantarovich angustia-se tanto com o fracasso de sua missão em Praga, na sua primeira experiência de exílio, que nunca conseguiu integrar-se à vida no Brasil, nem mesmo no Bom Fim, uma espécie de réplica de seu vilarejo da Bessarábia em plena Porto Alegre. Jayme, o único brasileiro, por ter um perfil intelectual diferente de seus familiares, perde

sua identidade com eles e, em função de sua militância política, também perde sua cidade natal – Porto Alegre – para buscar proteção em São Paulo.

Assim sendo, para todos estes personagens, a associação do Brasil com um lugar onde o futuro era mais garantido do que na Europa Central, é rapidamente substituída pela desilusão do começo difícil, pela adaptação complexa.

Os exilados da velha geração, isto é, os não-nascidos aqui, acabam ainda mais desadaptados, porque abrem mão de um estado anterior e não alcançam um novo padrão. Muitas vezes, nem mesmo as gerações seguintes conseguem se sentir “em casa”, tamanha é a influência da origem de seus ancestrais.

Tzvetan Todorov, crítico literário que viveu pessoalmente os dilemas do exilado, em seu livro *O homem desenraizado*, comenta algumas destas dificuldades. O capítulo “Voltar”, que abre esta obra, é exemplar não só dos conflitos acima referidos, como da oscilação, talvez inconsciente, dos termos para se referir ao seu próprio exílio (TODOROV, 1999, p. 15, grifo nosso): “A experiência que evoco aqui é a de um **exilado** retornando ao país depois de longa ausência (preciso que sou exilado “circunstancial, nem político, nem econômico: vim para a França em total legalidade [...])”.

Aqui, o autor se auto-intitula um exilado. Algumas páginas mais à frente, no entanto, ele não é mais exilado, mas um imigrante (TODOROV, 1999, p.25, grifo nosso): “Mas um fato biográfico era difícil de ignorar: eu era um **imigrante**, um búlgaro na França.”

Tal instabilidade de termos quando Todorov refere-se a si mesmo, menos do que uma “deficiência de rigor”, como poderiam propor acadêmicos tradicionais, é mais uma manifestação discursiva rica de sentidos. A oscilação dos termos “exilado” e “imigrante”, neste caso, sugere a incapacidade de a linguagem (e não a do autor) expressar com precisão científica o que ocorre com sujeitos que saem do lugar considerado pátrio para um outro, seja por força de um banimento imposto, seja por escolha própria.

O que une Todorov a Said e, em menor grau, ao personagem Jayme Kantarovich, é a tomada de consciência de seu papel de intelectual em formação:

O homem desenraizado, arrancado do seu meio, de seu país, sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência [...]. Sua presença entre os “autóctones” exerce por sua vez um efeito desenraizador: confundindo seus hábitos, desconcertando com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto. (TODOROV, 1999, p.27).



Os outros personagens – Mayer Guinzburg e Benjamin Kantarovich – não são intelectuais no exílio, mas pequenos comerciantes (corretor de imóveis e alfaiate), que se viram banidos de seus países, obrigados a reconstruir suas vidas. Destituídos de seus lares, abrindo mão de seus costumes e, principalmente, vivendo a separação tempo-espço, eles sobrevivem quando se instalam no Brasil, mas rompem com a comunidade a que pertenciam – nacional, familiar, religiosa, cultural ou qualquer outra.

Em certa medida, os três personagens mais perdem que ganham: não fica muito claro se Mayer Guinzburg (russo de nascimento) morre ou enlouquece de vez no final da narrativa, mas é certo que não terá mais acesso à construção da Nova Birobidjan, a única idéia que era realmente sua; Benjamin Kantarovich (da Bessarábia), um “esquisitão” que não constitui família, doa ao sobrinho seu maior patrimônio – o texto original e assinado de 4 linhas de Kafka – e, finalmente, Jayme Kantarovich (brasileiro), perde Porto Alegre como sua cidade e não se tem mais notícias sobre sua vida em São Paulo até o final da narrativa.

Os três personagens têm em comum a herança da religião judaica de seus pais e certa habilidade para recuperar, mesmo em condições adversas, a sobrevivência financeira da família quando se instalam em terras estrangeiras – o Brasil. No entanto, em menor ou maior grau de intensidade, são seres solitários.

Estes personagens, ainda sob a perspectiva de Castells (1999, p.24), não são bem-sucedidos na reconstrução de suas identidades, pois não conseguem transformar as já citadas **identidade de resistência** em **identidade de projeto**, isto é, não conseguem transformar a estrutura social de que fariam parte. Nem mesmo Jayme, apesar de sua militância estudantil.

Para os três personagens, pode-se afirmar que prevaleceu o sentimento de exclusão, de fracasso e de marginalização. Como lembra Gilda Salem Szklo:

[...] há nestes indivíduos [ nos personagens de Moacyr Scliar] como que um processo de perda de identidade de grupo, irreversível e constante. Mais do que isso, a decadência e o aviltamento pessoal, em parte decorrentes do afastamento dos antigos valores que os mantinham coesos às comunidades judaicas do Velho Continente, resultam numa marginalização. (SZKLO, 1990, p. 45)

Até o momento, portanto, parece que dada a instabilidade dos termos para se referir ao exilado, a melhor formulação para se pensar o exílio e seus efeitos nas personagens citadas seja a proposta por Todorov (1999, p. 26, grifo nosso):

[...] as identidades culturais não são apenas nacionais, existem outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social: em nossos dias, todos já vivemos, ainda que em níveis diferentes, este reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos *híbridos*.

HELLER, B. Jews in Moacyr Scliar's fiction: an example of hybridism. **Itinerários**, Araraquara, n.27, p.47-63, July./Dec. 2008.

■ **ABSTRACT:** *Following the ideas developed by Edward Said's Reflections on Exile and Other Essays and Tzvetan Todorov's L'homme dépaycé, the paper analyses three characters by Moacyr Scliar: Mayer Guinzburg (or Capitão Birobidjan) in O exército de um homem só (1973) and Benjamin and Jayme Kantarovich in Os leopardos de Kafka (2000). Mayer and Benjamin lose their previous identities when they settle down in Brazil and behave as if they were banished and not adjusted to the new environment. Jayme Kantarovich, although born in Brazil, does not seem to belong to any social group and his identity is split into many pieces. The paper argues, thus, that the concept of hybridism as proposed by Todorov is the concept that better explains the characters' behaviour.*

■ **KEYWORDS:** Identity. Hybridism. Exile. Brazil. Moacyr Scliar.

## Referências

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

SAID, E. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCLIAR, M. **O texto, ou: a vida – uma trajetória literária**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os leopardos de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **O exército de um homem só**. 4.ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SZKLO, G. S. **O fim do shtetl**: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

TODOROV, T. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

■ ■ ■